

An illustration of two hands, rendered in a stylized, textured orange-brown color, peeling three eggs. The eggs are white with a small blue speck. The background is dark green with a subtle pattern of small white dots. The hands are positioned as if they are carefully removing the shells from the eggs.

mojo
BOOKS

2
anos
2006
2008

É SÓ ISSO O MEU BAIÃO

Recontado por
MARCELINO FREIRE

GETZ | GILBERTO

STAN GETZ, JOÃO GILBERTO featuring
TOM JOBIM

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

É SÓ ISSO O MEU BAIÃO

MARCELINO FREIRE

uma história inspirada por
GETZ | GILBERTO
STAN GETZ, JOÃO GILBERTO
FEATURING ANTONIO CARLOS JOBIM

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 2008
1ª Edição



COPYRIGHT © 2008 BY MARCELINO FREIRE
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

É SÓ ISSO O MEU BAIÃO

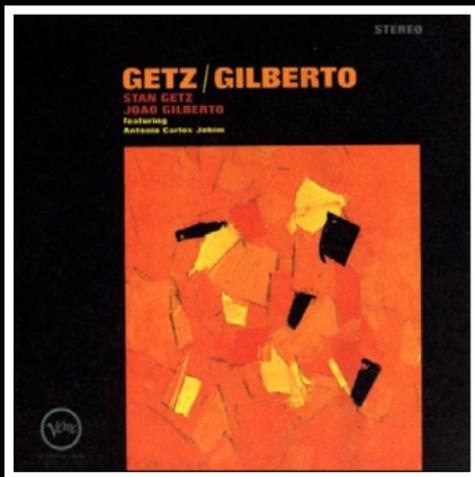
MARCELINO FREIRE

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **KAKO**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. The girl from Ipanema
2. Doralice
3. Para machucar meu coração
4. Desafinado
5. Corcovado
6. Só danço samba
7. O grande amor
8. Vivo sonhando
9. The girl from Ipanema
10. Corcovado

GETZ | GILBERTO

STAN GETZ, JOÃO GILBERTO
FEATURING ANTONIO CARLOS JOBIM

LANÇAMENTO: **1964**
SELO: **VERVE RECORDS**



É SÓ ISSO O MEU BAIÃO

MARCELINO FREIRE

Para Renato Siqueira

Bim bom bim bim bom bom
Bim bom bim bim bom bim bom
Bim bom bim bim bom bom
Bim bom bim bim bom bim bim

- João Gilberto

I

Na primeira vez que te vi passar a minha vontade era gritar: cachorra, vagaba, piranha. Gritar: gostosa, deliciosa, pega aqui no meu peru. Perua, oxigenada. Puta safada. Dizer assim: vem lá em casa, no barraco. Essa menina dá caldo, dá canja, dá barato. Potranca. Rebola, dança, balança. Na boquinha da garrafa. Vem, perversa. Vem, assassina. Cínica. Exibida. Metida que ela era, nem olhava para minha cara. A caminho do mar. Séria. Isso não vai ficar assim, sua mocréia.

II

Na segunda vez, quis seqüestrá-la. Jogá-la em um porta-malas. Ir ao aterro, a uma mata fechada, descer a sua calça, lamber as suas tetas. Sua vaca. Nada, nada. Ela continua cega. A caminho do mar. Minha vontade era: afogar, quintar, trucidar, malferir. Cometer morticínio, extermínio. Ser o teu algoz, verdugo, carníface marinho. Eu, tão triste. E tão sozinho. Continuava ali, a ver navios. Puta que pariu!

III

Resolvi chegar junto: oi. Mas a minha vontade era: dar um tapa na fuça. Sua quenga. Agarrar pelos cabelos. Molhados. Enforcá-la na canga. Pisoteá-la com o guarda-sol. Chafurdá-la na areia de Copacabana ou de Ipanema. Sem nenhuma palavra, sem puxar conversa. Para que ouvir a sua voz, ora essa? De bruxa, feiticeira. Maga, cobra coral, sereia. A urna te espera. A terra da verdade. Fria. O sagrado cemitério. A cova anônima. A gólgota. *In memoriam* o meu amor. Quando ela, olhando para os meus batimentos, falou: oi.

IV

E me mandou sentar e eu sentei. Mas a minha vontade era: deitar, sossegar, sucumbir, dormir até altas horas. Era: parar a roda do mundo. Atirar em quem viesse atrapalhar. O nosso descanso à beira-mar. O nosso castelo. Ah! Acertaria no cérebro do tiozinho do picolé. No pé do vendedor de siri. Castanha. Esganaria tudo que fosse criança, pivete. Sem pai. Sangraria cachorro solto. Derrubaria ultraleve. Até salva-vidas eu mataria. Só para ela ver que eu não era mole. Comigo não tinha essa de poesia. De beleza. Era preciso que ela, desde já, soubesse: que eu não estava para brincadeira.

V

O que você gosta de fazer? Ela me perguntou. A minha vontade era responder: merda nenhuma. Gosto da gandaia, do ócio. Da boêmia e da moleza. Sou o que a minha mãe me chama: sopeiro, parasita. Fico horas a fio, de perna estendida. Lerdo, apático, vegetativo. Enferrujado, queria eu ser: industrioso, assoberbado. Fazer de um caminho dois mandados. Enfim. Mas olhe, eu quero mudar, sim. Desde que eu te vi passar, a caminho do mar. Foi, eu juro. Algum sol acendeu, algum raio. Meu coração, depois de muito pensar, respondeu: gosto de estudar.

VI

Estudar o quê? Ela quis saber. O quê? Deixa eu ver: armas, por exemplo. Sei tudo sobre granada, pistola automática, fuzil. Tudo sobre bancos, edifícios de luxo. Carros-fortes, carros do ano. Contrabando. Também sei sobre tráficos. O melhor do pó. Solto fumaça pelo nariz, faço bolhas tamanhas. De maconha. E ainda: aprendi a não deixar vestígio. De esperma. Quando a vítima abre as pernas. Ah! A minha vontade era: dizer tudo isto. Mas não disse. Eu disse que fazia aulas de dança. De teatro. Todo mundo agora lá no morro é ator. Ela disse que eu levava jeito para ser ator. A escrota. Quem ela está pensando que eu sou?

VII

Marcamos um sorvete para o outro dia. E ela me deu um beijo, pequeno, de despedida. A minha vontade era: engolir a língua dela. Fazer sorvete com a língua dela. Sundae. Eu moro ali, ela apontou. Pode deixar: uma noite eu entro sem avisar. Eu escalo a sua janela, invado o seu quarto. Estupro. Espalho sangue em tudo que é lugar. Até a polícia chegar e eu trocar tiros. E fazer reféns. E negociar. Mas, por enquanto, resolvi apenas: abraçar. Um abraço sincero. Carinhoso. Que mexeu com o meu sistema nervoso. Levou tempo para acostumar. O mundo todinho se enchendo de graça. Ou seria de desgraça? Sei lá.

VIII

Quando cheguei em casa, a velha minha mãe foi logo querendo saber: cadê? Cadê o quê? Eu nem aí. Desta vez resolvi não xingar: coruja. Serpente. Vinda do sertão. O que me estragou foi isso. Foi isso. Depois me dei conta. Esse baião que a senhora canta há tanto tempo. Agora eu era, quem sabe, uma outra canção? Nada de rasga-mortalha. Neca de rabeça, forró. Não quero mais ouvir falar em catimbó, pagode. Chega de caxambu. Por que tudo, hein, tem de ser: urgente, despachado, acelerado? Num jacto? Tudo em roda-viva? Numa roleta-russa? Mãe, a senhora precisa conhecer. Quem? A mãe não quis nem saber. Cadê? Cadê o quê? O dinheiro. O pão que você prometeu trazer. Seu asmoлеu, seu cão tihoso, seu cramunhão. O resto é tolice, é bobagem, ilusão.

IX

E o dinheiro do sorvete e o dinheiro do motel? Minha vontade era: roubar da velha o que ela me roubou. As moedas que ela guardou no pote. Ou era: ir ao meu pai-de-santo tirar da oferenda. Emprestado, depois eu devolvo. Ou vou pedir ao cabeleireiro. Ele que me chupou o ovo. E eu gozei. Não, já sei. Acordarei, bem cedo, na fila dos aposentados. Acompanharei aquele mais debilitado, seguirei o esclerosado até a esquina. Gritarei, para ele morrer de medo: é um assalto. E pronto. Meu casamento estará garantido. Qual o sabor que você quer? Morango. Deslizando no umbigo. Com calda de quê, minha princesinha do mar? Chupa aqui, meu caramelo. Ai, ui, ah! Meu ganhão, meu poderoso chefão. Sim, assim, assim, assim. Devagar e sempre, meu sorvete de limão.

X

De quanto você precisa, meu bem, meu querido? Abriu a gaveta da mesinha. A minha vontade era dizer: passa tudo o que você tem, bichinha. Se não eu bato na tua cara, seu viado. Quebro os teus ossos, chuto os teus dentes. Mas fiquei quieto: de repente, um bofe bonzinho. É o que eu sou. Sem contar, pô, que não endoidei de vez. Para mexer com quem mora no pedaço. Puxou-me os trocados o gay. Contou: setentinha. Como você prefere pagar? Quando vem, aqui, mudar o penteado? Aparar o pentelho? Beijou o meu peito. Eu deixei. Já com o dinheiro na mão, disfarcei. Saí, disse que voltaria. Hoje eu não poderia atrasar. O corpo dourado do meu amor, já a essas horas da manhã, a caminho do Arpoador.

XI

Você não vem. Eu sabia. Maldita. Você não vem. E não vindo a vida tem fim. Vou mandar o povo todo para o além. Metralharei a sorveteria. Voarei as taças no chão. Encherei as paredes de vermelho. De pingos de cereja. Essa merda. Como fui acreditar numa rampeira? Você não vem. Não vem. Eu é que não enxerguei. Essa leseira. Antes tivesse feito o serviço. No primeiro instante, sem aviso. Roubasse um beijo, um gemido. Um grito. Comesse seu corpo. Cuspisse palavrões no seu ouvido. Sem nenhum estilo. Do meu jeito. Azedo. Você vai se foder comigo. Você não vem. Filha da puta. Amanhã, assim que você cruzar a rua, acerto um balaço no seu joelho. E você tombará. E a sua beleza beijará a sarjeta. A meus pés. Ah! Pode apostar. A minha vontade era matar. O primeiro que viesse zombar. Do meu prejuízo. Esse tempo perdido.

XII

Massa craniana. Calda de fígado. Granulado de osso. Ela vai ver só. Com quem se meteu. Vou machucar, limar, esmigalhar esse bando de mauricinho. Igualzinho a ela. Bosta amarela. Pálida. Cor de leite. Juventude mimada. Bem criada. Corja azul. Mãos na cabeça: vão todos vocês tomar no cu. Vão virar chantilly. Ninguém nunca viu na história do crime: creme de gente. No Leme, no Flamengo. Uma carnificina. Sabor baunilha. Eu, o herói. Chocolate. O assassino tropical. Super-Split. O terror internacional. O animal do verão. O terrorista da geladeira. O mel da morte. A doce vingança. Se ela demorar mais um minuto, o mundo vai piorar. O Rio de Janeiro vai pagar o preço. Assistirá aos seus filhos derreterem. No chumbo. No calor dos diabos. Eu sei que eu não sou o culpado. A minha mente está tranqüila. E fresca. Ela é que é a verdadeira assassina. Ter feito isto com o meu coração malvado. Desculpe o atraso. Hã? Ela me resgatando do pesadelo. Minha vontade era dizer: fuzilarei o povo inteiro. Ah! Não vai prestar, minha querida. Se eu encontrar dentro deste marshmallow um fio de cabelo.

XIII

Aí ela me falou que queria aprender a tocar saxofone. Mulher minha não põe a boca nessas coisas. Não quero namorada soprando flauta, gaita, o que quer que seja. Quer cair de língua, sua safadinha? Então que caia nas minhas bolas. Vermelhas. Na cabeça do meu pau, acesa. E você, como está nas aulas de teatro? Hein? Vê se eu tenho saco para essas coisas. Sensibilidade para viadagens. Sou macho, moleca. Vamos parar logo com essa conversa. Você está indo longe demais. Quero encher a sua boca. De porra. Sujar o seu nariz. De calda quente. Vamos passear na praia? Você não me respondeu: e as aulas de dança? Também faço capoeira. Ontem, teve aula de maracatu. Minha mãe que um dia me contou: da boneca calunga. Da alfaia, do pandeiro, dos caboclos de lança. Do lado guerreiro, festeiro. Nada a ver com caralho de saxofone. A minha vontade era dizer: mas não disse. Pedi que ela me falasse do instrumento. E a bocarra da cadela foi dizendo: sax alto, sax tenor. Que horror! Até quando duraria essa putaria? Eu quero comer você. De hoje não passa, minha filha.

XIV

Ela disse que a mãe saiu. O pai morreu. A empregada nem liga. Até parece acostumada. Àquela menina que vem e que passa. Sempre arrastando amiguinhos para o quarto. Bonito apartamento. Desses que eu vejo em novela. Ou quando invado condomínio, à força. Agora vai. Eu queria ver a cara do pessoal. Eu, um conquistador. Eu, o Rei da Boca. Essa menina era meio louca. Como é que arrasta um desconhecido? Nojentto como eu? Periculoso? Minha vontade era falar: passa a bolsa, o dólar, o colar. Mas resolvi esperar: se a danada não liberar ali mesmo, vai sobrar para ela, para a empregada. Para os helicópteros da PM. Toco fogo no prédio, fujo sem demora. Estou acostumado, ora. Seria baba. Não teve essa. De gritar. Eu gosto de currar. Nada de papear antes do sexo. Vamos logo ao que nos espera. Pau, buceta. Ela resolveu colocar uma música careta. Ouça. A minha vontade era dizer: escute você. Vai depressa tirando a roupa. Mas quis ver o que acontecia. A música chata. Antes um rap. Um rock. Não combinava. Muito devagar, quase morrendo. Vi quando você me viu. E gostei de você. Você tem a cor do Brasil. Ela me disse. Sonhadora. E no pau-brasil, quando você vai meter a mão? Sabe quem está cantando? Hein? O cara aí que está cantando? Não me diga. Bonitinho, não é? O quê? Esse banquinho. Esse baita violão. Que tesão!

XV

Mamilo não. Minha vontade era dizer: peituda. Poma, beijuda. Minha vontade era dizer: concha. Xana. Minha vontade era dizer: boeiro. Sangradouro. Tesouro não. Minha vontade era dizer: puta, puta! Vai, vai. Mais e mais. Minha vontade era dizer: minha amante, rata. Minha ninfeta levada. Minha vontade era dizer: cala a boca, desgraçada. Mulherzinha qualquer. Minha vontade era dizer: bêbada, pinóia. Canhão, rapariga. A minha vontade era: humilhar a cabrita. Dar porrada nas costas. Deixá-la roxa. Torta, toda amolecida. A minha vontade era dizer: lixo. Vem, porca. Chupa, chupa. Está pensando que existe vida assim, felicidade assim? Vai morar lá onde eu moro. Agüentar uma mãe banguela, um pai que foi embora. O esgoto céu afora. A minha vontade era: chorar todas as raivas do peito. Ela remexendo o traseiro. Vamos, vamos. A minha vontade era jogar areia. Vidro, sofá. Atolar o córrego. Não deixar saída. Não acredito em uma outra vida. É comer e matar. O que os pombos fazem? Os que os carros fazem? O que as sombras fazem? Todos querem nos foder. Entende? Menininha do papai? Toca, vai, esse saxofone. Grande, assim, vai. A minha vontade era dizer: mas não dizia. Talvez fosse a música. Talvez um mistério que não sei. Hein? Quero a vida sempre assim. Com você perto de mim. Meu mal, meu bem.

XVI

Eu precisaria conhecer a sua família? Não tem essa. Eu precisaria saber inglês? Não tem essa. Terminar os estudos? Nem pensar. Eu precisaria apresentar a minha mãe nordestina? Só se você quiser. Ela foi vestindo a blusinha. E eu fiquei com a barriga apontada para o teto. Posso comer um sanduíche? Eu mando fazer. E se a empregada perguntar? Não responda. De quê? De queijo. E tem uma cerveja? Eu trago. Posso fumar? Pode fazer o que você imaginar. Só não pode demorar. O apartamento tinha umas cinco TVs. E umas bebidas importadas. Tinha mais de mil de CDs. E o sol batia nos vidros. E me deu fome. E eu pensei: sou o dono de tudo isto. E se eu engravidar você? E se eu for papai? E se a gente fugir? Pega os números da sua mãe. Os cartões da velha. Minha vontade era: pular. Dizer para a avenida: eu nasci aqui. Hoje é o meu aniversário. Eu ganhei de presente um grande futuro. Eu juro que ajudo os mais necessitados. Abandonarei os furtos. Virarei presidente da República. Menina maluca. Pediu para eu me apressar. A gente se encontra quando? Não disse. Eu fiquei de ligar. A minha vontade era: acampar, fincar a bandeira, passar tudo para o meu nome, bater o carimbo. Era cedo. Obedeci. Da janela vê-se o Corcovado, o Redentor, que lindo!

XVII

Ela sumiria como some a tardinha. Não daria mais notícia, é claro. No momento em que me pegasse apaixonado. Viajando. Minha mãe repetiu: você anda fumando muito. A bichinha cabeleireira, quando me viu, veio cobrar: e aí? E os setentinha? Tive que comer, mesmo sem querer, a sua bundinha. A vida é isso mesmo: há sempre um caminho no meio. Um corpo. Ontem mesmo, depositaram na esquina o filho da costureira. É isso o que é. Por que ela haveria de mudar as pedras do lugar? Ressuscitar o que está posto? Na lama? Você não sai mais desta cama? Vai trabalhar, miserável! A minha vontade era: esgüelar a velha, cortar em pedaços. Mas a minha coragem andava sem coragem. Em frangalhos. Deve ter sido aquela música. Maldita. Que foi me deixando quieto no meu canto. Assobiando feito sabiá. Divagando, devagar. Quase parando. Ó, mano, tem um esquema bom pra gente. Amanhã. Mas amanhã eu não podia. Eu não poderia. Ela marcou comigo um cinema. Ela gosta de cada merda de filme. Mas com ela qualquer droga vale a pena. Acho que estou doente. O que deu em você? Quando menos esperar, ela vai te trair com o primeiro playboyzinho que aparecer. Pago para ver.

XVIII

A coisa, de fato, foi desandando. Perdendo o rebolado. Nesse caso, eu bato de tirar sangue. Ciúme do sax. E dos livros. Eu cortaria a garganta de todos os seus amigos. Comigo, você não sai com esta minissaia. Tenho cara de corno? Conformado? Tenho cara de otário? Teimosa, nem ligava. Cada chute que eu dava, uma resposta. Você é o atraso que apareceu na minha vida. Destruíu o meu ritmo, ela dizia. Seu ignorante. Estúpido. O que fez com a minha imagem? Eu odeio você. No dia em que você chamar a polícia, eu te mato. E não matava. A gente se atracava no tapete da sala, na areia da praia. Cachorro, cachorra. Cachorro, cachorra. Ora porra! Já faz um ano e meio. É preciso que você saiba: nunca fui santinho. Sua burguesinha. Sem essa de querer acabar o namoro. Pensa que é fácil? Amar e depois largar? Depositar o que restou? A minha vontade era: e foi. Prendi a princesinha no apartamento. Lembro: dei um, dois socos. Você não vai embora. Não vai. Quero ver só o que você faz. Agora. Diz, infeliz. Acho que foi o vizinho que chamou o camburão. E a televisão. Estava armada a confusão. Desde que te vi passar, eu sabia. A caminho do mar. Essa bandida.

XIX

Se você disser que eu desafino, que eu desatino. Se disser que eu sou louco, desbolado, paranóico. Se você disser que eu sou malandro, malfeitor. Disser que eu tenho o sangue ruim, sou uma asa negra, pecador. Um caim, matante. Um besta-fera. Disser que eu sou um monstro, um tição do inferno. Se você disser que eu sou mesquinho, descarado, delinqüente. Uma trepeça. Disser que eu não mereço confiança, aprovação. Crédito. Se você disser que não tenho salvação. O capeta em figura de gente. O belzebu. Por minha causa é que o país não vai pra frente. Não caminha. Não avança. Empaca, estaciona. Se você disser que eu sou o único culpado. O responsável. O irresponsável. Negrinho de meter medo. Pavor. Disser que você não é da minha laia. Da minha raça. Se disser que vai me varrer do mapa. Da porta do seu carro. Da garagem da sua casa. Se você disser que eu devia estar preso. Engaiolado. Que povo como eu deveria sofrer. Para morrer. Ser torturado, açoitado. Se você disser que eu sou um problema difícil de resolver. Está enganado. Profundamente enganado, brother, meu irmão. Bem aqui. Viu, não ouviu, viu? Também bate um coração.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br